

2- América Latina e Índia: Aproximações

O açúcar tardou séculos e até milênios para sair da Índia asiática, passar à Arábia e ao Egito, correr pelas ilhas e costas do Mediterrâneo até as do oceano Atlântico e às Índias de América.

Fernando Ortiz

Em 3 de agosto de 1492, uma sexta-feira, iniciava-se o evento que iria mudar drasticamente a vida nas terras que, posteriormente, seriam chamadas *Américas*. Na barra de Saltes, uma frota de naus, sob a capitania de Cristóvão Colombo, partia em busca de uma nova rota para o comércio com a Índia, principalmente, de especiarias, já que, por terra, havia problemas de impostos e inimigos.

Seguindo sempre a oeste, intencionalmente ou não, em 11 de outubro do mesmo ano, às duas horas da madrugada, sua esquadra avistava terras em que, dentro de pouco tempo, estaria pisando. Chegaram, então, “a uma ilhota dos Lucaios, que em língua de índios se chamava ‘Guanahani’”.¹ Nesse momento o futuro dos povos, a sudoeste da Europa, começava a se modificar.

Colombo, acreditando que tinha encontrado, finalmente, a primeira rota marítima que ligava a Europa à Índia, chamou seus habitantes de índios.

Por crer que ele seria o instrumento de Deus na descoberta do Novo Mundo, tomou sua parcela do poder divino e renomeou as ilhas uma a uma, mesmo àquelas, como Guanahani, a qual sabia o nome indígena, dando-as, assim, uma nova origem. Guanahani passou a chamar-se San Salvador².

Colombo se auto-descreve como o bom colonizador e aos nativos como frágeis, como crianças que precisam de proteção. Ao mesmo tempo, Colombo toma o que quer sem que os nativos tenham direito de se negar e acrescenta: “Son así, temerosos sin remedio. (...) Son los más temerosos que hay en el mundo”.³

¹ COLOMBO, 1998: p. 46

² 1956: p.1

³ Ibidem, pp.3-6

Mais por força que por bondade colonizadora, “después que tenem confianza, nunca dicen no por las cosas que tienen”, convidam as pessoas e demonstran amor por qualquer coisa que os dêem.⁴

Preocupando-se também com nossa evolução espiritual, impõe o cristianismo como a religião que deve ser seguida para nossa liberação da ignorância. Dessa forma, Colombo afirma que os nativos se fazem cristãos e “estão a serviço” dos reis de Espanha, uma vez que, para ele, os indígenas não conheciam seita ou idolatria.⁵ O próprio Papa Alejandro VI, mais preocupado com os territórios que com as almas, designa à Espanha as terras do descobrimento.⁶

Segundo a pesquisadora argentina Vanina María Teglia, o humanista italiano Pedro Mártir de Anglería difunde as primeiras representações da América no imaginário europeu por meio dos diários de Colombo, uma vez que nunca esteve na América.

Como acuerda la mayoría de los historiadores, las Décadas, escritas en latín, difundieron las primeras representaciones sobre América en el imaginario occidental. Estas primeras elaboraciones son, además, las primeras lecturas del corpus colombino y, por lo tanto, contienen las primeras palabras que se hacen conocer sobre el Diario de a bordo de Colón.⁷

A tentativa de demarcar uma origem é reforçada por Anglería e acaba sendo mais enfático que Colombo com relação ao mito do bom selvagem. A nudez e a falta de armas, que para Cristóvão Colombo era sinal de pobreza, para Anglería, era a confirmação do estado natural em que viviam os seres na Idade de Ouro. Assim, há um esforço para descrever o indígena de acordo com o imaginário da época, através de elementos discursivos que confirmem as fábulas, o exotismo e os relatos fantásticos que povoavam a leitura do Renascimento. Principalmente na tentativa de representar a felicidade e encantamento diante dos

⁴ Idem

⁵ Ibidem, pp. 3-4

⁶ Ibidem, p. 48

⁷ TEGLIA, Vanina María. El buen salvaje estetizado en las Décadas de De Orbe Novo de Pedro Mártir de Anglería. Trabalho apresentado no *Congreso Internacional Cuestiones Críticas*. Rosario, octubre de 2007.

européus divinizados, quando, na verdade, a imposição e a interferência na cultura nativa negam a condição do outro.

La condición de buen salvaje exige, de esta manera, por lo menos dos atributos: la de ‘salvaje’ o desnudo en varios sentidos (pero, sobre todo, de civilización o cultura) y la de ‘bueno’, que aquí puede entenderse en términos de ‘propenso a satisfacerse con los elementos de la otra civilización: la occidental.’⁸

Afinal, o próprio Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao Rei de Portugal, afirma: “Tome Vossa Alteza, porém, **minha ignorância por boa vontade**, e creia bem por certo que, para alindar nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e **me pareceu**”⁹.¹⁰

Porém, Gustavo Garcia, nos recorda que Padre Bartolomé de Las Casas, preservando os diários de Cristóvão Colombo, foi o primeiro a inventar um sujeito indígena propondo respeitar seus direitos como ‘criatura de Deus’ e súdito do reino de Castilla. Suas atitudes confirmam a subalternização indígena e sua representação através de intelectuais europeus. “Em efeito, idealizar o ‘índio’ passando por alto sua mal combinada especificidade é, depois de tudo, uma forma de incompreensão e de incompetência intelectual”.¹¹

Francisco Gómez demonstra que é na fronteira que se manifesta o reconhecimento da identidade do próprio pela diferença com respeito a outros. Este fenômeno de busca da diferença entre culturas fronteiriças pode chegar até a criação mítica ou fantástica, sobretudo quando se aglutina com outros fatores culturais e políticos, como o desconhecimento da realidade do que está mais além do conhecido ou a busca de legitimações para seus atos. Desta maneira, as fronteiras do mundo tem tido sempre uma enorme importância na construção da imaginação.

(...) quando as fronteiras ocidentais se deslocam até América com o descobrimento, também se desloca o universo europeu do

⁸ Idem

⁹ Grifos nossos.

¹⁰ CORTESÃO, 2003: p. 91

¹¹ 2003: p. 17

fantástico. Os textos dos cronistas proporcionam suficientes exemplos deste fenômeno.¹²

A expansão marítima e os descobrimentos se convertiam no ultrapassar as fronteiras e a constatação da existência da alteridade. A fronteira física se convertia na fronteira da razão, no limite entre a realidade e a fantasia, uma fantasia construída sobre o desconhecido.¹³

Se Pedro de Anglería resiste à afirmação de Colombo de que a América era a Índia, o mesmo não pode ser dito do descobridor que morreu afirmando que as terras as quais ele desembarcou a sudoeste da Europa era realmente a Índia.¹⁴

O imaginário acaba reconstruindo a realidade e podemos verificar essa influência inclusive no léxico das línguas das Américas. A partir do momento em que Cristóvão Colombo pensara ter chegado à Índia e batizara os habitantes do Novo Mundo de “índios”, estaríamos ligados pelo imaginário à Índia, até nossos dias atuais.

O *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Española* apresenta as seguintes palavras:

Indio: de la India.

Indiano: de las Indias Occidentales u Orientales.

O *Diccionario de la Real Academia Española* nos fornece o seguinte significado para a palavra “indiano”:

1-Natural, pero no originario de América, o sea de las Indias Occidentales; 2- Perteneciente a las Indias Orientales; 3- Dícese también del que vuelve rico de América.

Enquanto “índio”, no *Diccionario Anaya de la Lengua*, significa:

¹² 1999: p. 21

¹³ Ibidem, p. 22

¹⁴ 1998: p. 161

1-Natural de la India; 2- Dícese del primitivo poblador de América, o de sus descendientes.

Se buscarmos nas demais línguas das Américas, encontraremos o mesmo problema semântico em seus respectivos léxicos. Em francês, mesmo havendo a palavra *indigène* para designar aquele que é nativo de um determinado país, encontramos as seguintes definições para a palavra *indien*, no *Dictionnaire Hachette encyclopédique*:

Indien, enne: 1. De l'Inde. Sous-continent indien. 2. Relatif aux indigènes d'Amérique (V Amérindiens). Les navigateurs du XVe. S, à la suite de Coloma qui croyait avoir débarqué aux Indes, baptisèrent 'Indiens' les habitants du Nouveau Monde. Tribu indienne.

Em português, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* oferece as seguintes acepções para os verbetes:

Indiano. 1. Da, ou pertencente ou relativo à Índia (Ásia); índio, índico, indiático, hindu. 2. Natural ou habitante da Índia; índio, hindu.
Índio. 1. V indiano. 2. Bras. De, ou pertencente ou relativo ao índio. 3. V indiano (2). 4. O habitante das terras americanas ao chegarem os descobridores europeus: o aborígene da América. (...)

O verbete português insere um novo problema que é dar como sinônimo de “indiano” a palavra “hindu” que, na verdade, significa aquele que pratica o hinduísmo. Afinal, nem todo indiano é hindu. Esse mesmo problema ocorre com o espanhol. Segundo o *Gran Diccionario Usual de la Lengua Española*:

Hindu. 1 De la India, país del sur de Asia. 2 Persona natural de este país. 3 Que practica el hinduismo.

Até mesmo em inglês, veremos ocorrer a mesma variação de sentido entre índio/indiano. Segundo o *Dicionário Webster's*:

Indian. Hindu, indiano; índio

Talvez, esse problema ocorra por 80% dos indianos serem praticantes do hinduísmo, o que não justifica o apagamento dos 20% que se dividem em inúmeras religiões, dentre elas o jainismo, o sikhismo, o islamismo, o budismo, o judaísmo e o cristianismo.

Dick Edgar Ibarra Grasso¹⁵ demonstra que os europeus da Idade Média e princípio da era moderna entendiam por Índia, então, um território mais extenso que a atual Índia. Ou seja, a gangética, que corresponde à atual Índia, a ultragangética, a atual Indochina, e a terceira Índia, as terras de América. Isso justificaria a utilização da palavra “Índia” no plural, comumente visto nos textos da época.

Porém, não é somente o léxico que une a América (Latina e Caribe) à Índia. Relembrando os objetivos de Cristóvão Colombo ao iniciar sua viagem, podemos ressaltar mais algumas relações.

(...) la relación política del género humano y su unificación espiritual. Exactamente, lo que se proponía Colón al emprender su viaje hacia las Indias: establecer relaciones de tráfico y comercio con el Extremo Oriente, y la conquista espiritual de los reinos Del Gran Can. (...) De otro modo no se explica la permanencia de España en Filipinas y la integración del Archipiélago en la gran familia occidental, que como poderoso baluarte de la Cristiandad se alza en el Extremo Oriente, y **es frente adelantado de una contienda moral, que fatalmente se ha de resolver con la fusión de todos los hombres en una superior unidad de espíritu y destino.**¹⁶

¹⁵ 1991.

¹⁶ 1956: p. 49. Grifos nossos.

Se a intenção era a fusão de todos os homens em uma unidade superior, a soberania européia que subjogou os indígenas, incutiu no imaginário da época (perdurando até hoje) estereótipos (já vistos acima) e os massacrou física e culturalmente, como o exemplo que segue:

Trazia este velho o beijo tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande dedo polegar, e metida nele uma pedra verde, ruim, que cerrava por fora esse buraco. **O Capitão lha fez tirar**¹⁷.

Estabeleceram uma hierarquia entre os europeus e os índios/indianos, como fizeram Vasco da Gama e os demais europeus que chegaram à Índia; transformaram as vozes de seus nativos em vozes subalternas. Ou seja, a imposição de novas regras sociais e culturais nas novas terras acarretou a subalternização de seus povos. Essa mesma subalternização fez com que Ranajit Guha, iniciasse os Estudos Subalternos na Índia, no final da década de setenta. Influenciados pelos estudos de Guha e seus companheiros, em 1993, é fundado o Grupo de Estudos Subalternos Latino-americano.¹⁸

Isso sem mencionar os diversos contatos entre nossas culturas, através das inúmeras migrações frutos das colonizações, como por exemplo, os escriturários indianos, em Trinidad, ou os construtores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, no Brasil.

A mitificação e a submissão forçada dos indígenas de América fruto da hierarquização européia têm sua correspondência nas terras de Ásia. É a mesma consciência colonial que fez com que 454 anos após a chegada das naus de Vasco da Gama em Calecute, o Capitão de Mar e Guerra português M. M. Sarmento Rodrigues, em discurso realizado em Goa, proferisse as seguintes palavras:

O mundo já o tem reconhecido e, pela boca das mais ilustres figuras da actualidade, tem feito justiça a este povo que, **sem fazer ouvir o troar dos seus canhões**, leva a sua voz clara e respeitada às mais elevadas assembléias internacionais, destemidamente marcando a sua posição entre dúvidas, não

¹⁷ CORTESÃO, 2003: p. 105. Grifo nosso.

¹⁸ CHATURVEDI, 2000, pp. VII-VIII

cedendo a pressões, **não entronizando mitos**, não reconhecendo perigos imaginários, mas também não recuando perante os compromissos que conscientemente entende ser necessário assumir. (...) Quando os portugueses chegaram por mar à Índia, já a conheciam. Bem sabiam da existência duma civilização, senhora de certos caracteres e qualidades, ideais e valores. **Correndo lentamente ao sabor morno dos tempos, a evolução cultural da Índia quase parecia estacionária. Outros diziam-na em repouso.** O mais seguro, porém, seria aceitar que, **na lentidão com a qual se operavam os grandes movimentos de idéias nas imensas regiões asiáticas, a ascensão da civilização se faria menos por impulsos do que por brandas e largas ondulações**, o que, se por um lado permitia decantar e aperfeiçoar o candal dos pensamentos e dos princípios, por outro dava o mau ensejo de adulterar, por aderências nocivas, o claro fio do pensamento original. **Existia, portanto, uma cultura velha, profunda, luminosa, aparentemente estática.** Vieram os portugueses. Povo em plena evolução e entusiasmo, **túrgido de energias, ansioso de expandir as suas idéias, as suas crenças, o seu carácter, de repartir os seus dons morais.** No rio doce e manso do espírito oriental incide agora uma torrente impetuosa que faz tumultuar as águas calmas, **misturando-se com elas e dando-lhes nova estrutura molecular, nova riqueza, nova vitalidade.** Mas este benéfico e vivificador encontro, realizado em todos os sectores da cultura, fez-se quase sempre sem que de parte a parte houvesse irredutibilidade.¹⁹

Se é verdade que a América Latina teve uma tradição de estudos europeus, assim como foi introduzido em Ásia, justamente por causa das colonizações que acarretaram sociedades transculturadas, no entendimento de Ortiz²⁰, não o é verdadeiro em termos de igualdade de prestígio das produções teóricas originadas nessas regiões. Como bem lembra Darcy Ribeiro que se intitulava “antropologista”, em oposição ao “antropólogo” europeu, justamente pelo local de onde se fala e é exatamente deste ponto de margem, de fronteira, de limiar, de voz subalterna, que nos colocamos como investigadoras deste trabalho.

Segundo Gustavo Garcia, os conquistadores destruíram grandes civilizações ameríndias. Sua ação – justa ou não – tem legado nações híbridas que buscam o espelho onde olhar-se: a ‘identidade’, entretanto, está no processo de formação.²¹

¹⁹ 1954, pp. 12-40. Grifos nossos.

²⁰ Os caracteres de uma cultura mestiça já feita com a perda ou desarraigo de uma cultura precedente (ORTIZ, 1983: p. 90)

²¹ Op. cit.: 2003: p. 17

Também não podemos perder de vista que há uma dimensão espiritual no ato da colonização e, ao longo das descobertas, muitos colonizadores afirmaram a falta de fé ou práticas heréticas dos povos conquistados em relação à religião dos conquistadores como mostra o discurso de Sarmento Rodriguez, em Goa, em 3 de novembro de 1952, sobre o IV centenário da morte de São Francisco Xavier:

Dentro de pouco tempo vai celebrar-se em Goa o IV Centenário da morte de S. Francisco Xavier, **o grande apóstolo que tão alto levantou o nome de Portugal no Oriente e tão gloriosamente representa o espírito missionário português. Não lhe faltarão os votos e a veneração dos povos da Índia e de todo o Oriente, a quem tantos benefícios espirituais foram levados pelas naus que, primeiro que nenhuns outros navios do Ocidente, transportaram às mais dilatadas paragens os primores da civilização cristã**²².

Afinal, segundo Rabindranath Tagore, quando não se reconhece no homem o espírito, não é possível considerá-los seus iguais e, não sendo igual, não estão no mesmo patamar e a atitude de subjugar esse outro está justificada aos olhos daqueles “possuidores de espírito”.

Of course man is useful to man, because his body is a marvelous machine and his mind an organ of wonderful efficiency. But he is a spirit as well, and this spirit is truly known only by love. When we define a man by the market value of the service we can expect of him, we know him imperfectly. With this limited knowledge of him it becomes easy for us to be unjust to him and to entertain feelings of triumphant self-congratulation when, on account of some cruel advantage on our side, we can get out of him much more than we have paid for. But when we know him as a spirit we know him as our own. We at once feel that cruelty to him is cruelty to ourselves, to make him small is stealing from our own humanity, and in seeking to make use of him solely for personal profit we merely gain in money or comfort what we pay in truth.²³

²² Op. cit.: pp. 80-81. Grifo nosso.

²³ 2004: p. 45

Se os colonizadores não reconheciam nos colonizados nenhuma prática de fé, muito menos os consideravam possuidores de espírito, coisificando-os, assim aqueles se imbuíam de poder para colonizarem as terras, os homens, a cultura, o intelecto e, inclusive, o espírito através das missões evangelizadoras.

Nós, latino-americanos pensamos fazer parte do “ocidente”, porém não somos europeus. Como disse Agustín Pániker lembrando as palavras de Walter Mignolo, “ser blanco latino es ser no tan blanco como el blanco anglosajón”.²⁴ E, desde nossa “origem”, somos descritos da mesma forma que os povos de “oriente” pelas penas européias; somos exóticos, preguiçosos e atrasados.

Como já demonstramos, o “ocidente” e “oriente” se uniram por meio do imaginário, em um dado momento histórico; além disso, Edward Said, em seu livro *Orientalismo*, mostra como o “oriente” foi criação do “ocidente” afirmando que a prática européia do orientalismo autoriza opiniões, descreve, coloniza e governa: “em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.”.²⁵

Essas são as ferramentas para uma brutal dominação, não somente territorial como também intelectual e, poderíamos dizer que não é só “oriental” o que se chama de “oriente”, por esse ponto de vista; também é “oriental” todo território dominado. Segundo Said:

[O orientalismo] é, acima de tudo, um discurso que não está de maneira alguma em relação direta, correspondente, ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe em um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, moldado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como a uma ordem colonial ou imperial), como o poder intelectual, com o poder cultural, com o poder moral. Com efeito, o meu verdadeiro argumento é que o orientalismo é – e não apenas representa – uma considerável dimensão da moderna cultura político-intelectual, e como tal tem menos a ver com o Oriente que com o ‘nosso’ mundo.²⁶

Por esses motivos, discordamos da divisão do mundo entre “ocidente” e “oriente” por ser uma auto-demarcação dos europeus no mundo, afinal as próprias

²⁴ p. 245 Apud, 2005, p. 28

²⁵ 1990: p.15

²⁶ 1991: p.24

designações de “Extremo Oriente” e “Oriente Próximo” prevê uma aproximação ou um distanciamento do centro europeu. Como nos lembra Agustín Pániker:

Desde una perspectiva planetaria, estos términos son geográficamente impropios. El planeta es esférico así que el oriente siempre queda más al Este. Occidente y Oriente no remiten a espacios cartografiables sino a aquello de la ‘asianidad’ del asiático o la ‘africanidad’ del africano (...).²⁷

Sendo assim, neste trabalho, não utilizaremos os conceitos de “oriente” e “ocidente”, mas trataremos, por ventura, dos países em questão, pertencentes ao continente asiático ou europeu. Somente mantendo as formas oriente/ocidente em caso de citações.

Fazemos nossas as palavras de Mignolo:

Minha preocupação é enfatizar a idéia de que ‘o discurso colonial e pós-colonial’ não é apenas um novo campo de estudo ou uma mina de ouro para a extração de novas riquezas, mas condição para a possibilidade de se construírem novos loci de enunciação e para a reflexão de que o ‘conhecimento e compreensão’ acadêmicos devem ser complementados pelo ‘aprender com’ aqueles que vivem e refletem a partir de legados coloniais e pós-coloniais, (...) o Terceiro Mundo produz não apenas ‘culturas’ a serem estudadas por antropólogos e etno-historiadores, mas também intelectuais que geram teorias e refletem sobre sua própria história e cultura.²⁸

Para encerrar, recordamos um trecho de uma breve análise da carta de Cristóvão Colombo.

En nombre de la justicia y del progreso se ha llegado a la penumbra confusa de la negación de todo. Y cuando masas ingentes, trabajadas por el escepticismo se aproximan en sus creencias al cero radical de la nada, resurgen valores eternizados por la voluntad de Dios, que edifican en la roca viva de la Fe, y enaltecen al hombre hasta hacerlo Señor de todas las cosas,

²⁷ 2005: p. 23

²⁸ 2003: p. 25-26

incluso de su propio raciocinio, que no pocas veces le sume en la miseria de su natural incapacidad.

Empuje y alegría para vencer los obstáculos presentes, y generosidad para dilatar el acervo de intereses comunes, vivificados con el encanto de una gracia, que solo los ángeles infunden a los elegidos, y siempre, y constantemente, mantener una robustez en lo vital, que no consienta a la decadencia sentar morada en nuestro ser.

He ahí los caminos de España, frecuentados por tantos millones de seres, que hoy celebran, justamente, el encuentro de su punto de partida histórica y providencial, testimoniada con la presencia real de aquel mensaje que anunció el descubrimiento y la posesión de un Nuevo Mundo, para beneficio de nuestra Santa Fe, y refrigerio y ganancia de todos los cristianos.²⁹

Agora é o momento de sair da penumbra e fazer escutar as outras vozes, as vozes subalternizadas pelos eventos que beneficiaram as nações européias...

²⁹ 1956, pp.53-54